



ASSINATURAS
 Numero avulso . . . \$50
 Trimestre 3\$00
 Anuncios, por linha . \$50
 Anuncios permanentes
 (Preço convencional)

ALMA ACADEMICA

Propriedade da Academia do Liceu de Aveiro

CORPO REDACTORIAL
 J. Rocha e Cunha
 Raul Regala
 Alberto Pires
 Carlos Coimbra
 Armando Seabra
 (Artístico)

Redacção e Administração
LICEU-AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Manuel Cardoso
ADMINISTRADOR
Euclides Dias

Apreciam-se os livros de que nos fôr enviado um exemplar.
 Comp. e imp. Tip. Progresso (a electricidade)—AVEIRO

A cultura fisica nos estabelecimentos de ensino

Nós, os portugueses, ainda não nos convencemos das Vantagens da cultura fisica, porque não tivemos nunca a impressão nitida da força e da beleza do nosso próprio corpo. Por enquanto vi um grupo, e por sinal bastante restricto, compreende a necessidade de educarmos as nossas gerações, de maneira a fazer-lhes descobrir a elegância dos músculos. Crêmos, porém que os velhos hábitos e preconceitos começam a perder a sua rigidez. A guerra revelou a superioridade das raças fortes. Os individuos com a experiência das práticas desportivas revelaram-se o melho. A paz e as lutas de concorrência que ela traz consigo só será frutuosa para quem resiste a todos os cansaços. Nós temos muita imaginação, mas um arcaboço pouco resistente. Conhecemos a natureza que a nossa alma lirica e doente povoa de visões palidas e lívidas. Ora a natureza deve estar, sobretudo, em nós cheios de saúde, de alegria, de entusiasmo e de amor á beleza. As nossas escolas de ensino, cuja rendimento é muito precário, devem remodelar-se, para que deixem de ser a negação do intuito vital dos rapazes que as frequentam.

Se os métodos de ensino nem sempre se proporcionam á curiosidade do estudante—o que prejudica a formação da sua intelligência—o que diremos do desprezo a que os professores votam o desenvolvimento fisico! urge pôr remédio a tamanho mal, visto que o futuro da raça assim o exige. As ideias belas, que lá fóra conquistam rápidamente terreno propício ao desenvolvimento, quando chegam a Lisboa no rápido de Paris, já têm cabelos brancos.

A altura fisica pratica-se actualmente em todos os estabelecimentos de ensino do mundo conhecido—mas não se pratica quasi nada em Portugal. Andamos tão afastados da linha ascencional do progresso, que não ligamos á ideia da cultura fisica o seu verdadeiro sentido. E' preciso propagandear a ideia quanto antes, devendo os primeiros clamores de defesa ser proferidos pela juventude das escolas.

Ilídio Nogueira.

Não concordamos

O Sr. Vicente de Freitas, em entrevista concedida ao «Diário de Notícias» afirmou: «A Instrução Secundária e a superior não será preciso desenvolvê-las com tanta intensidade e serão pagas por aqueles que as quizerem receber.»

Não concordamos com tal doutrina e reputamo-la mesmo perigosa para o interesse nacional tantos vezes levanamente encarado por improvisados estadistas.

O que o Sr. Vicente de Freitas afirmou está em absoluto desacordo com o que no estrangeiro se faz em matéria de instrução e também com as ideias que modernamente orientam os homens que dela fazem um verdadeiro sacerdotio. A pôr-se em prática a doutrina do sr. Ministro do Interior — e cremos que assim não acontecerá porque temos confiança na acção do sr. Ministro da Instrução e na reconsideração do sr. Presidente do Ministério—dentro em pouco Portugal estaria, sob o ponto de vista da Instrução Nacional, reduzido a duas classes: a dos analfabetos e a dos doutores.

Desaparecia a cultura média tornada inacessível ás classes menos abastadas e passaria a constituir, bem como a superior um monopólio dos ricos.

Aritocratizar e plutocratizar o ensino é tudo quanto há de mais contrário ás modernas ideias democráticas que por todo o mundo orientam a acção dos dirigentes dos povos.

A instrução deve ser para todos, pobres e ricos, e a todos devem ser concedidas iguais facilidades para a sua aquisição.

Que assim deve ser dizem-no-lo as medidas, promulgadas na França e outros países, todos tendentes á universalização do ensino e não ao seu monopólio pelas classes ricas.

Herriot, ministro da Instrução Pública do governo de Salvação Nacional presidido por Poincaré, propoz e conseguiu um aumento de 50 milhões de francos no orçamento do seu ministério para tornar gratuito o ensino secundário, o que mais interessa ás classes médias que são as que mais tem sofrido com os fenómenos economico-sociais derivados da guerra.

Na Bélgica, em 1922, o orçamento da Instrução, foi de 280 milhões de francos, o da Economia e Trabalho de 484 milhões, ao passo que o da guerra foi apenas de 125 milhões.

Mas há mais: na Alemanha foi há pouco promulgada uma lei especial que regula a concessão de licenças para construcções urbanas de forma a que os nucleos de população se formem em locais que permitam a facil frequência das escolas. Isto faz-se no estrangeiro em que o analfabetismo quasi não existe, em que a multiplicidade de escolas profissionais, industriais e comerciais é evidente e em que a facilidade de comunicações é assombrosa.

Em Portugal, com a vergonhosa percentagem de 65 0/0 de analfabetos e com a cultura média apenas fornecida pelos liceus que, apesar dos seus defeitos, são os nossos melhores e quasi exclusivos instrumentos dessa cultura, pensa-se em fazer pagar a instrução secundária e superior por aqueles que a quizerem receber!

Ha um outra afirmação do mesmo senhor Ministro que nos merece reparo: a de que é preciso facilitar o desenvolvimento do ensino particular. Bem sabemos que o sr. Ministro do Interior conhece bem as vantagens desse ensino porque tem sido distinto professor e supomos que director duma escola da capital. Não somos nós que lhe negamos essas vantagens mas achamos um erro fomentar o desenvolvimento desse ensino em prejuizo do official.

Os professores dos Liceus portugueses constituem hoje uma classe que serve dedicadamente e com muito brilho a Nação no exercício do seu mister. Habilitados por cursos superiores, com uma perfeita especialização das matérias que ensinam, tem a cultura e preparação pedagógica necessárias para corresponderem á elevada missão que lhes está confiada.

Como pode o ensino particular competir com o official, se o recrutamento dos professores é feito um pouco *à la diable*, sem se exigir a competência e conhecimentos pedagógicos indispensáveis ao desenpenho da nobre missão de ensinar?

Bem sabemos que ha excepções mas a regra geral é esta.

São estas razões entre outras que a falta de espaço nos inibe de desenvolver que nos levam a discordar das afirmações do sr. Vicente de Freitas e certo estamos de que o sr. Ministro da Instrução, um novo cheio de talento e que tanta coragem moral revelou no seu discurso de posse, não só vai remediar os males causados pelo seu antecessor como não consentirá que o ensino se arraste ainda para maior miséria do que aquela em que hoje vive.

Expansões

Mulher... moderna

Ao Euclides Dias.

Em pleno século xx, plena era de invenções e artificios enganosos. No «boudoir» elegante da verdadeira mulher moderna—maples rescendendo ainda o perfume do último descânço, espelhos refletindo ainda a sombra da sua figura inconfundível e... incompreensível; a abafar o som dos nossos passos indiscretos, a «carpete do estilo» uma luz verde, bacia, preparada pelas longas cortinas que modelam a vidraça, a ocultar aos nossos olhos curiosos o desarranjo da decoração moderno; e num cantinho discreto, á meia luz da vidraça elegante, a meza de trabalho, a meza onde Ela, esquecendo «pinturas e gestos ensaiados ao espelho» se lembra sómente de que é... ser vivo e tem portanto, a propriedade nefasta de se nutrir! E, no entanto, não é por trabalhar que perdeu a sua qualidade de mulher.

—No cantinho discreto da sua meza de trabalho, de mistura com os problemas que uma vida de cancelas a cada passo apresenta, é facil descobrir toda essa multidão de nadas que preocupam um cérebro de mulher, desde o bordado que nasceu numa tarde de labor caseiro, ao dedal, que, num gesto apressado, foi cair sobre um labirinto de papeis, e se não quiz esconder (não é desonra proteger um dêdo que, auxiliado por mais quatro irmãos, grangeia o pão, conserva a vida de um corpo adoravel!...)

Ela chegou agora apressada, nervosa, as mil preocupações do dia a termeluzirem-lhe no olhar! Vestido «tailleur» simples, pequeno «cloche» de feltro, na lapúla do casaco, a unica nota de «coqueterie» traduzida numa pequena flôr.

Num gesto rápido e franco, tira o chapéu, descobrindo uma cabecita cheia de vivaci-

(Continua na 2.ª página)

O meu artigo

—Quanto quiseram a minha opinião...—

I

Os *intelectuais da novíssima geração* têm por hábito inflexível as duas ou três visitas diárias ao café. Durante elas é que pensam e escrevem o que em anteriores tinham observado e aprendido.

Num grupo destes *literatos* (em que eu estava a mais; a modéstia obrigava-me a dizê-lo) foi posta a seguinte questão:

—O que é fazer literatura?

A mim coube-me dar a terceira resposta.

Achei só esta que me não pareceu de todo má:

—Fazer literatura é dizer tolices da forma mais elegante.

Mas, os meus amigos acharam-na injusta, não sei porquê.

II

Outra vez, noutra roda, em que por acaso se encontravam algumas das pessoas com que se passou aquela primeira scena, discutiam-se as vantagens e os malefícios do capitalismo.

Eu conservava-me calado, a *gostar*.

Por fim, como se de mim esperassem palavras decisivas todos me olharam numa interrogação.

Julguei de boa educação não demorar a resposta, e disse:

—A mim, quere-me parecer, que quanto mais ricos houver, menor será o número dos pobres.

III

Desta vez passeava-se e, como o que mais desse na vista fôsse as mulheres, entrámos a falar de preferência de cada um no mundo feminino.

Um sentia uma especial predilecção pelas morenas, de olhos negros enigmáticos, de caracter caprichoso e confuso. Outro gostava de mulheres de abundante plástica, mas sem exagero, e pouco se importava com a correcção e a beleza do rosto.

Um terceiro entoava hinos ás loiras, límpidas como orvalho, leves como penas, virginais como os raios primeiros dum sol que nasce.

Eu só, não tinha um tipo preferido.

—Eu gosto sempre mais da última mulher muito bonita que vejo—disse eu... e mantenho.

D. Duardos.

"Puras da realidade,"

AS ALDEIAS...

(Ao Alvaro e ao Justino)

As aldeias são lugares de sonho e de amor, recantos de poesia, canteiros de flôres vermelhas, de flôres azuis, de flôres brancas, cheias de vida e saúde.

São retiros lindos onde cantam aves e raparigas viçosas; onde murmuram límpidas fontes, saltitam ribeiras, onde cíciam verdes fôlhas, e adejam perfumes...

E' só nas aldeias que se nos depara a Natureza desnudada e bela, a espreguiçar-se, a cantar, e a rir ás gargalhadas.

Nas aldeias tudo é risonho e franco, desde as criancinhas nuas que brincam ao sol... ás velhinhas brancas, ceguinhãs já, que sabem histórias muito lindas, e rezar orações com fervor e com fé.

Nas aldeias, não encontramos o ar viciado, a aragem impura e doentia que se encontra nas cidades, nem as fomes, as doenças, as misérias, que se acham no interior das *águas-furtadas*!

Não. Aqui tudo é puro, saudável, perfumado...

Aqui não encontramos vagabundos asqueroso, prostitutas pálidas e vis, á esquina de vielas doentias, esperando que a noite caia envolvendo a Terra em sombras, para que possam mais á vontade pôr os seus pensamentos em prática, ou estender a mão esguia aos que passam rápidos, atarefados!

As aldeias desconhecem o vício, a bandalheice, o crime, a não ser quando são atacadas e corrompidas por algum elemento maléfico vindo da cidade.

E' verdade que aqui não achamos mais riquezas, mais confortos, mais luxo. Mas o que importa a um aldeão as grandes catedrais, as grandes igrejas, os grandes monumentos, se ele admira muito mais aquele grandioso templo que tem por base o mar e os campos floridos, e por cúpula o azul límpido do Firmamento, e se ele reza mais devotadamente dentro da sua ermida pequenina?!

Que lhe importa a grandeza, o luxo, o confôrto dos grandes hotéis, das grandes casas, se ele se sente mais á vontade dentro da sua casinha branca, rodeado pelos filhos, e por uma mulher terna e forte que nunca o abandona nos perigos da vida?!

Que lhe importa?... Nada...

E ainda dizem que a aldeia é um antro miserável e asqueroso!

Oh! Não A aldeia é um retiro saudável e ameno, onde voam tranquilas, muitas pombas, lindas pombas brancas...

Aqui, a mulher trabalha... cuida dos filhos com todo o carinho, e não os entrega, não, ás âmas-sêcas, ou ás criadas, porque, dizem elas:—*custam muito a criar... e hão-de ser eles o nosso amparo quando chegarmos a velhas.*

E são, realmente. Os filhos respeitam e protegem os pais, quando estes já não podem trabalhar. *Dizem eles:—são nossos pais, foram eles que nos criaram...*

Que santa religião a destes mortais!

* * *

Como as aldeias são belas! Belas porque predomina sobre elas a Religião e o Trabalho, os mais belos pergaminhos do homem. Aqui, até o próprio Céu é mais alegre, mais azul...

Mira, 928.

Euclides Dias.

Este numero foi visado pela comissão
de censura

"O Homem do bigode louro"

Fui há dias convidado a assistir a uma ligeira reunião em casa do meu amigo Rodrigues. Lá fui. Scintilavam joias, brilhavam pedrarias, refulgiam belezas, sob catadupas de luz. Num dado momento notei que todas as senhoras dirigiam, com um alvoroço bem visível, o olhar para a porta. Para lá dirigi o meu. Entrava um homem perfeitamente natural, e absolutamente vulgar. Duns 30 anos bem conservados, com um farto bigode a ensombrar-lhe os lábios; um bigode louro, irritante, com replexos dourados: um louro que bem não era o «louro, milagre do Senhor». Portanto, inconpreensível para mim a perturbação causada ás damas. Perguntei, por isso, ao meu amigo:

—Quem é?

—Não conheces? E' «ele»

Ele?! Ele, quem?

—O «Homem do bigode louro»!

—?...

—Sim, o ídolo das mulheres.

E enquanto eu o analizava melhor, para ver a que ponto chegara a degenerescência do «D. Juan», o meu amigo dizia-me.

—E' este um caso quasi inconpreensível para mim. Aqui a psicologia amorosa da mulher, revela-se como ela própria: inconpreensível como os mistérios mais ignotos, complicada como o nó Górdio, mais ainda do que o labirinto de Creta. Como sabes, há umas mulheres que se entregam obedeceno ao determinismo da sua doença; outras, á ardência do seu temperamento; ou-

(Continua na 3.ª página)

Expansões

(Continuação da 1.ª página)

dade, aureolada de um cabêlo simples, talhado «à Joãozinho», que aliza ligeiramente com a mão fina, esguia. Descalçando compassadamente as luvas, reclinava-se num maple, enquanto o olhar busca ansioso uma colunata, onde sob uma jarra de violetas poisa um retrato de homem que sorri, num sorriso que chama e atrai.

Ela escreve agora, serenamente, sentada à meza de trabalho. Do seu cantinho florido, aquele olhar chama-a ainda, a implorar um carinho, uma palavra. Passam dez, quinze, vinte minutos em que Ela resiste á tentação de o olhar, de o beijar talvez...

E passada meia hora... era uma vez uma «mulher moderna»... que antes de se fazer «moderna» tinha nascido «mulher»!..

Coimbra, Março de 1928.

Médica.

Imagens do Passado

«Penso em ti ao acariciar a flôr; e não a tendo penso realmente.»

E' triste, bem triste, remar sem norte neste mar insondável e profundo da vida onde cada onda, ainda a mais debil, agora e logo, parece cavar-nos um abismo.

Não o avaliam aquêles que, no horizonte vago das suas aspirações, não tiveram ainda a fulguração resplendente de um ténue raio de esperança...

Aquêles, porém, que já um dia tiveram a dirigi-los, a guiá-los, próxima ou longinquamente, a luz carinhosa de um olhar amigo, ao verem-se sós vacilam, esmorecem, recolhendo-se á adoração do passado onde algumas vezes se encontre lenitivo, passageiro embora, aos males que nos ralam a alma.

No abandono em que me encontro entrego-me a folhear o poema sublimada saudade através de cujos quadros indelevelmente estampados, revivo os mementos mais felizes da minha vida, que o tempo, na sua fúria implacável e destruidora me levou de arremesso para as paragens ignotas do remoto Além...

Passam ante mim as scenas mais gratas do meu primeiro, do meu único amor—em verdade o digo—mas sinto á minha volta um vago indefinido outrora preenchido por aquêles pensamentos tão ternos que, com carícias ás flôres, me eram enviados; lembro que, então, sob uma atmosfera doce de poesia tinha por futuro rosas e por presente... o amor.

Sinto a comoção do encontro... o constrangimento da despedida, daquêles Adeus que, cada dia, na esperança de outro dia, era o nosso último remate.

Fecho os olhos, pretendo convencer-me de que estou na frente da minha amada enquanto uma fôrça estranha me guia e impele.

Dois minutos mais, depois dez, trinta, cincoenta, sinto o meu peito, transbordando de amor e de tristeza, agitar-se febrilmente enquanto a os meus ouvidos perpassa o murmúrio harmonioso de uma oração que morre...

Mudou-se o quadro. Vejo-me, pouco a pouco, arrastado por motivos em cujos fundamentos nunca a verdade abun-

Tangendo as Liras

CANÇÃO DA TARDE

Para os teus lábios
de amora verde.

O dia finda... Ao cair
A sombra na minha vista,
Vejo o teu corpo subir,
Estátua muda, a subir
Nos meus sentidos de artista.

Beijo-te a bôca, já louca
E sedenta de desejos...
E os desejos dos teus beijos
São beijos na minha bôca.

A sombra, caindo, esfuma
As coisas por toda a parte...
Estátua muda de espuma,
Teu corpo, morto, na bruma,
Sobe mais na minha arte.

Andam no ar um perfume
E um sorriso
De canção...
E andam beijos de ciúme
A morder teu corpo liso
De esfingica sedução.

Beijos, ao cair da tarde,
Da tua bôca vermelha,
—O' bôca de amora verde!
São como um sol que inda arde
E deixa uma sombra velha
De um sabor que nunca perde...

O sol, como uma canção,
Sumiu-se todo... Morreu!
—Faz lembrar meu coração
Sempre a morrer pelo teu.

Coimbra de 1928.

Luis Carlos.

dou, trocar a correcta attitude do apaixonado pela do gaiô, to brincando com o coração de uma mulher cuja lembrança ainda, conservo bem vivida.

Tardio embora, o remorso que me rala leva-me a enviar-lhe cá de longe, onde só em sonho poderá vêr-me olhares saudosos que envolvem uma súplica muda.

Não sinto já o seu, quente e abraçador, cruzar-se com o meu através da distância que nos separa de modo a poder lêr, nascido bem da alma o há tanto ambicionado perdão.

Abandonou-me... E' justo esse castigo; mas como a mulher, verdadeiramente mulher, perdoa sempre entrego-me a essa esperança que... sempre é uma esperança.

Sileno.

"O homem do bigode loiro,"

(Continuação da 2.ª página)

tras, ajuda, por fraqueza, e houve uma, uma santa admirável, que o fazia por compaixão. Faltam ainda aquelas que se entregam, como no nosso caso, por orgulho, por vaidade talvez. Eu te explico. O Homem do bigode loiro, não amando mulher alguma, a todas ama ou detesta, como queira. E as mulheres, sentindo-se feridas no seu orgulho, no que elas têm de mais querido — a sua beleza, querem á viva fôrça, á custa de tódos os esforços, mostrar que ajuda valem alguma coisa, que algum poder tem a sua beleza. E, para o conseguir, enviam-lhe os seus olheres mais ternos, mais provocadores, dirigem-lhe as suas palavras mais fogosas, mais apaixonadas, dão-lhe, com o seu corpo, os seus estremecimentos, as suas voluptuosidades mais ardentes. E'le, possuindo-as tódas, a nenhuma se entrega. Como yês, há duas lutas: uma a das mulheres entre si, pois todas querem a glória de o fazer mudar de opinião, de o possuir; outra entre todas as mulheres e êle. Se as mulheres se reunissem, conglobassem os seus esforços, por certo o venceriam. Mas, razão tinha Erasmo, o monarca supremo da idéa e do espirito do seu século, em afirmar «a mulher é um amável animal, que nunca teve o juizo todo»; e como por certo nunca o terá, o Homem do bigode loiro continuará a ser o ídolo, a ânsia suprema, o desejo louco das mulheres. E quando o meu amigo acabou de falar, olhei para o lado. Lá estava o Homem do bigode loiro entre as mulheres, dirigindo-lhe todos os seus sorrisos mais amáveis e tentadores, as palavras mais meigas, que êle recebia com um sorriso bem forçado de completa indiferença.

—E então? me perguntou o meu amigo.

—Então, meu caro, direi como Fontenelle: «há 3 coisas que nunca entendi: a Bíblia, a música e as mulheres».

Jorge de Nevers.

Gabinete de Geografia

Prosseguem activamente os trabalhos encetados pelo sr. dr. José Barata no sentido de aperfeiçoar o mais possível o gabinete de geografia deste liceu.

Para êsse fim têm contribuido professores e alunos nas medidas das suas possibilidades.

Partiu para a Guarda por se encontrar doente o nosso colega da 7.ª classe de sciências, Antonio José Osório Flamengo. Desejamos-lhe rápidas melhoras.

Dia 20-- Parada e exercícios de bombeiros, Batalha de flôres no Parque, ás 17 h.

Marcha milaneza ás 23 h.

Realizam-se também nos dias 11 e 12 as festas religiosas de Santa Joana Princesa.

Programa das festas liberaes

Dia 13- Sessão inaugural do Congresso Beirão, das 14 ás 18h. Abertura da feira regional e récita no Teatro.

Dia 14-- Continuação do Congresso Beirão. Récita no teatro.

Dia 15- Continuação do C. B. passeio fluvial ás 14 horas e sarau de gala no teatro.

Dia 16- Alvorada festiva. Encerramento do Congresso Beirão. Romagem ao cemitério ás 15 h.

Banquete de homenagem aos congressistas, ás 20 horas.

Festival na ria e iluminações

Dia 17-- Lançamento da primeira pedra do monumento á Liberdade, ás 14 h. Festival no jardim com a Banda da G. N. R., ás 22 h. Torneio distrital de Tennis, ás 16 h.

Dia 18-- Visita à casa e sepultura em Verdemilho, de Joaquim José de Queiróz, iluminações na ria.

Dia 19- Iluminações na ria e Final do campeonato distrital de Tennis, organizado pelo Grupo dos Caçadores.

LIVRARIA
João Vieira da Cunha
 Rua Direita, 70—**AVEIRO**
 Grande sortido de Papelaria
 Artigos de escritório. Sacas para livros. Louzas. Artigos
 pera desenho e pintura. Perfumarias. Sabonetes.
 Quinquilherias. Postais ilustrados. etc. etc.

LIVRARIA CENTRAL
 DE
ARTUR DOS REIS
 Arcos—Entre Pontes
 Papelaria. Perfumaria. Tabacos. Postais Ilustrados
 Objectos de Escritório e Pintura.
 Livros Escolares. Scientificos. Recreativos. Romances.
 Poesias. Obras Francezas. Todas as novidades literárias.
 Scientificas. Artigos de Fotografia
 Esta casa encarrega-se de revelar e tirar provas

Baptista Moreira
AVEIRO
 Sortido completo de artigos
 fotográficos
 Representante das casas
Kodak Barcez Agfa Gevaert
 Esta casa encarrega-se de todo o
 trabalho de amator desde a
 impressão de rolos ampliação
PREÇOS MODICOS

Barbearia Académica
 DE
ALVARO FERREIRA
 Otima execução em cabelos de
 senhora
RUA BENTO DE MOURA
AVEIRO

ESTABELECIMENTO
 DE
MERCEARIA
 de
FRANCISCO A. MEIRELES
 PRAÇA 14 DE JULHO
Aveiro
 Completo sortido de Merceria,
 Vinhas finos, Papelaria, etc.
 Agente da Companhia de Seguros
 "ARGUS"

Sortido Completo de Café e Pastelaria
 Licores, Vinhos finos, Champagnes
 Sandwíches e bifes
 Fabricação de Ovos moles
TABACOS
DE
Antonio Campos
 Executam-se encomendas de pasteis
 bolos finos, pudings, pão de ló, etc., etc
 Grande Sortido de Biscoitos
Praça do Comercio—Aveiro

SOUZO RACOLA
 (Antiga Casa Costeira) (Casa fundada em 190)
Avenida Bento de Moura—AVEIRO
 Ourivesaria, = Serviço de prata, serpentinas, sal-
 vas, faqueiros, cristais guarnecidos a prata, estojos pa-
 ra brindes, correntes, adreces e aneis. JOIAS—Em pla-
 tina, ouro e ouro branco, colares de perolas. RELOJO-
 ARIA—Relógios de pulso em ouro para senhora e ho-
 mem, de parede, bolso e carrilho, Longines, sete
 grandes prémios.
 Perfumaria nacional e estrangeiro. Tabacaria. Navalhas alemães.
 Canetas conklines. Postais da cidade e albuns

Pintor e Dourador
 Diplomado pela Washington School of Art
 Encarrega-se de pintura decorativa de edifi-
 cios; pintura a oleo em tela e seda;
 Ampliação a oleo, crayon e charcoal
 Correspondencia para
João da Costa Morgado
 = **MIRA** =

ANTONIO PASCOAL
FABRICA DE SABÃO
 Filial em Coimbra Sede em Cantanhede
 Rua da Moeda, 84-92 Estrada de Mira
 Armazens de cereais, legumes e mercearias
Depósito de bacalhaus
Rua da Estação—AVEIRO